

A ARENA DISCURSIVA DO “HAITI É AQUI”: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DE DISCURSOS DO JORNAL *FOLHA DE S.PAULO* SOBRE IMIGRANTES HAITIANOS NO BRASIL¹

THE DISCURSIVE ARENA OF “HAITI IS HERE”: A DIALOGIC ANALYSIS OF *FOLHA DE S.PAULO*'S DISCOURSES ON HAITIAN IMMIGRANTS IN BRAZIL

Júlia Dayane Ribeiro da Costa (UFRN)²
 Marília Varella Bezerra de Faria (UFRN)³
 Matheus Silva de Souza (UFRN)⁴
 Paulo Eduardo Ferreira da Silva (UFRN)⁵

Resumo: A diáspora do povo haitiano, a qual foi impulsionada por uma série de fatores internos em seu país de origem, teve destaque em vários canais midiáticos e gerou, à época, uma série de posicionamentos valorativos. Este artigo tem como objetivo analisar, por meio da *abordagem dialógica da linguagem* (Bakhtin, 2010, 2011a, 2011b, 2016; Volóchinov, 2017), enunciados do jornal *Folha de S.Paulo*, produzidos no ano de 2015, que desvelam a formação de uma cadeia discursiva a respeito da presença de imigrantes haitianos no Brasil. Isso posto, este estudo, de natureza qualitativa-interpretativista, situado no fazer científico da Linguística Aplicada, tem como método de construção dos dados o *Paradigma Indiciário* (Ginzburg, 1989) e o *correlacionamento* entre textos (Bakhtin, 2011b; Geraldi, 2010). O *corpus* da pesquisa, portanto, aponta para a formação de uma arena discursiva de posicionamentos valorativos negativos, em relação à recepção destes sujeitos em território nacional, explicitada respectivamente pela ideologia entrelaçada nos enunciados analisados.

Palavras-chave: Haiti; Arena Discursiva; Esfera Jornalística.

Abstract: The diaspora of the Haitian people, driven by a series of internal factors in their home country, received significant attention in several media outlets and, at the time, generated a range of evaluative stances. This article aims to analyze, through the dialogic approach to language (Bakhtin, 2010, 2011a, 2011b, 2016; Volóchinov, 2017), utterances from the *Folha de S.Paulo* newspaper, produced in 2015, that reveal the formation of a discursive chain regarding the presence of Haitian immigrants in Brazil. Therefore, this study, which is qualitative-interpretative in nature and situated within the scientific practice of Applied Linguistics, employs the *Indiciary Paradigm* (Ginzburg, 1989) and *interrelation* between texts (Bakhtin, 2011b; Geraldi, 2010) as methods for data construction. The research corpus thus points to the formation of a discursive arena of negative evaluative stances concerning the reception of these individuals within Brazilian territory, explicitly highlighted by the ideology interwoven in the analyzed utterances.

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

² Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFRN). E-mail: julia.costa.067@ufrn.edu.br.

³ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFRN). Professora do Departamento de Língua e Literaturas Estrangeiras Modernas (UFRN). E-mail: mariliavbf@yahoo.com.br.

⁴ Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFRN). Professor substituto da Escola de Ciência e Tecnologia (UFRN). E-mail: matheu-srn@hotmail.com.

⁵ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFRN). E-mail: paulo.silva.083@ufrn.edu.br.

Keywords: Haiti; Discursive Arena; Journalistic Sphere.

Introdução

A recorrente instabilidade política e econômica do Haiti, a extrema desigualdade social e a falta de preparo do poder público para lidar com numerosos desastres ambientais propiciam um quadro de migração do povo haitiano para outros países, com o reforço de uma política identitária que define a migração como um elemento importante à construção dessas identidades (Miranda, 2018). O Brasil, nesse contexto, configurou-se, em meados de 2010, como uma possibilidade a esses sujeitos por alguns fatores, como a emergência da crise econômica global, que afetou a América do Norte e a Europa a partir de 2008, inviabilizando deslocamentos migratórios tradicionais, uma vez que houve o fechamento rigoroso das fronteiras (Costa, 2016); a liderança na Minustah e as ações dos militares brasileiros direcionadas ao desenvolvimento de obras sociais, que proporcionaram um olhar para o Brasil, ampliando o que já havia sido iniciado em 2004, com o “Jogo da Paz” entre a seleção brasileira de futebol e o selecionado local; além da promessa de boa acolhida, intensificada com o surgimento do Brasil como potência econômica, o que fomentou a percepção de um país de oportunidades (Costa, 2015).

Assim, após o terremoto de 2010, no Haiti, que deixou cerca de 230 mil mortos e 1,5 milhões de desabrigados, teve início uma constante migração para o Brasil, chegando os primeiros grupos de haitianos na fronteira norte do país. Em função da boa acolhida realizada pelas instituições religiosas majoritariamente católicas, em 2011, o deslocamento para o Brasil foi estabelecido, aumentando, desde então (Costa, 2015). Os pontos de chegada mais comuns eram as cidades de Tabatinga (Amazonas), Assis Brasil (Acre) e Brasiléia (Acre) (Fernandes; Faria, 2016). Sendo assim, durante os primeiros anos, em decorrência da entrada de um grande número de sujeitos, que levou essas cidades a estados de calamidade pública, várias ações foram tomadas a respeito do visto concedido aos haitianos. Em 2015, a alteração realizada gerou uma queda de 96% no número de haitianos que efetuaram o percurso pelo Estado do Acre, uma vez que passaram a viajar diretamente para capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, sendo emitido, semanalmente, cerca de 500 vistos humanitários, somente na Embaixada Brasileira do Haiti (Brasil, 2015; Fulgêncio, 2016).

Nesse contexto de grande imigração, é importante evidenciar que a mídia passou a atuar como um mecanismo relevante para a construção de modos de vivenciar a relação entre o *eu* e o *outro*, isto é, a alteridade nas interações entre esses novos imigrantes e a sociedade brasileira, “se entendemos a noção de alteridade como um processo de constituição de subjetividades e identidades sociais que assume uma perspectiva classificatória e relacional” (Cogo; Silva, 2016, p. 6). Dessa forma, a visibilidade produzida pela mídia brasileira, a respeito dessa imigração, pode ser percebida não só como consequência dos embates geopolíticos entre Brasil e Haiti, mas também como uma ferramenta capaz de instituir esses enlaces.

A mídia jornalística impressa e digital, por exemplo, que possui grande presença na vida dos sujeitos, pode ser compreendida como um elemento que consolida o que chamamos de realidade, contrariamente ao entendimento de que ela apenas divulga os acontecimentos. De acordo com Kellner (2001), precisa-se olhar politicamente para a cultura da mídia, situando-a em seu contexto histórico e analisando como suas narrativas e seus discursos materializam determinados posicionamentos ideológicos e produzem impactos políticos, o que também significa enxergar a maneira como as produções culturais da mídia reproduzem as lutas sociais existentes. Se a sociedade é uma grande arena de lutas e embates, os signos refletem e refratam tais contradições (Volóchinov, 2019b): essas batalhas se consumam nos textos da cultura da mídia, fazendo com que seja um lugar propício para um estudo crítico de tal cultura (Kellner, 2001).

É preciso considerar, então, a importância dos meios de comunicação como constituintes dos índices sociais de valor que permeiam a experiência da imigração haitiana no Brasil, sendo, por meio das palavras, um processo dialógico e ideológico com o corpo social. Considerando tal entendimento, este estudo, ao conceber a linguagem como uma manifestação histórica e situada, constituinte e constituída por sujeitos, adota a premissa de que as atividades linguístico-discursivas são movidas por meio de enunciados concretos, contextualizados e enraizados em situações específicas e distintamente caracterizados pelo diálogo que permeia seu contexto, enquadrando-os como *elos* na comunicação verbal (Bakhtin, 2016). Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo realizar uma análise dialógica (Bakhtin, 2011b, 2016) da cadeia enunciativa⁶ estabelecida a partir de textos vinculados à esfera⁷ jornalística acerca da presença de imigrantes haitianos no território brasileiro.

O *corpus* desta investigação concentra-se, pois, na análise do jornal *Folha de S.Paulo*⁸, que possui uma publicação de ampla circulação nacional e que figura como um dos principais veículos de comunicação do país. Para isso, foi realizada uma pesquisa no acervo digital do jornal⁹, com a restrição temporal compreendida no ano de 2015. A escolha deve-se ao fato de o referido ano assinalar um dos primeiros períodos dessa imigração haitiana para o Brasil, além de marcar a chegada do fenômeno ao Estado de São Paulo, região que abriga uma das maiores metrópoles do mundo, o que gerou grande repercussão na mídia jornalística.

Por essa razão, é necessário pontuarmos a comunicação de massa como relevante, ao tratarmos do fenômeno, já que se configura como um dispositivo de interferência social. Os discursos dessa esfera da atividade humana interpelam a dinâmica social, visto que toda palavra é constituída a partir de uma multidão de fios ideológicos e serve de trama às relações sociais em todos os domínios (Volóchinov, 2017). Dessa forma, Stam (2010), que discute a mídia a partir de um prisma teórico-crítico, assevera que a comunicação de massa, à luz de uma compreensão bakhtiniana, não pode ser pensada apenas como reprodução do que seria a realidade, mas como atuante na construção de representações que os sujeitos criam do mundo.

Assim sendo, iniciaremos esta investigação apresentando os fundamentos teórico-metodológicos por nós adotados. A seguir, passaremos para a análise dos dados gerados à luz da teoria elencada, e, por último, teceremos nossas considerações finais sobre os pormenores significativos da trajetória investigativa deste trabalho.

1 Os fundamentos teórico-metodológicos do estudo

Nesta seção, realizaremos a contextualização de conceitos inerentes à *abordagem dialógica da linguagem*, com foco na construção dos enunciados, na multiplicidade de sentidos em torno deles e na influência do contexto social na construção do significado linguístico. Além disso, explicitaremos o campo de estudos no qual nos inserimos, a natureza desta pesquisa e os procedimentos metodológicos necessários para a geração de nossos dados de análise.

1.1 Pensando a linguagem em movimento: a abordagem dialógica da linguagem

⁶ A título de esclarecimento, uma cadeia discursiva é caracterizada pela relação dialógica existente entre textos e contextos associados num plano de sentidos em comum (Bakhtin, 2011b, 2016).

⁷ Em conformidade com Bakhtin (2016), a esfera se refere a um domínio específico de atividade social em que a linguagem desempenha um papel fundamental. Cada esfera tem sua própria linguagem, regras de comunicação e formas de expressão, e os indivíduos são partícipes de várias delas ao longo de suas vidas.

⁸ Segundo o site da *Folha*, o jornal tem a missão de “produzir e organizar conteúdo jornalístico crítico, plural e apartidário”. Fundado em 1920, é um dos maiores e o mais influentes quando se trata de jornais diários nacionais de interesse geral. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml.

⁹ Link de acesso ao acervo: <https://acervo.folha.com.br/index.do>.

No âmbito dos estudos das práticas discursivas, a *abordagem dialógica da linguagem* é capaz de trazer grandes contribuições e discussões em torno dos usos da língua num contínuo movimento sócio-histórico e ideológico. No Brasil, a produção teórico-filosófica do *Círculo de Bakhtin*¹⁰ tem cooperado com os mais diversos estudiosos, entre eles aqueles que buscam orientações, a fim de realizar pesquisas no campo das práticas discursivas institucionalizadas, por compreenderem que as reflexões dessa natureza estão de acordo com princípios e ideias suscitadas hoje no campo da construção do conhecimento nas Ciências Humanas (Oliveira, 2002).

Nesse sentido, pontuamos que a percepção de linguagem como uma prática social e intersubjetiva possibilita uma introdução na seara de estudos do discurso (Oliveira, 2009), uma vez que implica uma compreensão de sujeito como um ser sócio-histórico que age sempre implicado axiologicamente nas situações cotidianas, concebendo e avaliando os acontecimentos à sua volta. Tendo isso em vista, para Bakhtin (2016), a linguagem, sendo uma atividade mediada pela interação dialógica e ideológica¹¹ entre os partícipes de uma sociedade, é materializada por meio de enunciados concretos, com os quais os enunciadores constroem os seus pontos de vista sobre o mundo. Desse modo, ao conceber o acontecimento discursivo, que é organizado por intermédio de atos eticamente constituídos, os falantes, conectando-se à vida no “evento singular e único do existir através de uma consciência responsável em um ato-ação real” (Bakhtin, 2010, p. 58), edificam os seus respectivos dizeres em enunciados que revelam uma *atitude responsiva-ativa* perante os outros ao seu redor (Bakhtin, 2016).

Em suma, “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real” (Bakhtin, 2016, p. 28), um *elo na cadeia comunicativa* e, por isso, distancia-se do aspecto linguístico e puramente estrutural evocado pela oração, unidade da língua. Afirmando-se como uma *unidade real da comunicação discursiva* (Bakhtin, 2016), a despeito do plano oracional voltado às propriedades imanentes de uma língua mecânica e ensimesmada, o produto enunciativo é um centro de valor dotado de sentidos que emanam o posicionamento avaliativo de um autor-criador (Bakhtin, 2011a) na construção dos sentidos dos seus atos comunicativos. Logo, os enunciadores, sabendo que “cada dia tem sua conjuntura socioideológica, semântica, seu vocabulário, seu sistema de acento, seus lemas, seu desaforo e seu elogio” (Bakhtin, 2016, p. 66), utilizam-se da linguagem para avaliar, responder, concordar, refutar e/ou ratificar o dizer (enunciado) dos outros que o atravessam dialogicamente nas situações concretas de comunicação.

Em se tratando disso, quando pensamos no processo de comunicação verbal, não podemos ignorar que todo e qualquer enunciado é uma resposta a outros enunciados, contextualmente articulados entre si. Todo enunciado se constitui e ganha forma a partir de interações discursivas provenientes de um tipo de comunicação social, pressupondo não só a presença de um falante, mas também de um ouvinte, uma vez que sempre está orientado para o outro, para o ouvinte, mesmo ausente, denominado por Volóchinov (2019a) de auditório. Para interpretar o enunciado, o sujeito familiariza-o com seu próprio “horizonte concreto-expressivo” (Bakhtin, 2015, p. 55) e o avalia, dando-lhe uma resposta. Dessa maneira,

nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de perceptibilidade e de relevância. Essas

¹⁰ Nomeamos, neste artigo, *Círculo de Bakhtin* para nos referirmos à produção teórico-filosófica de pensadores como Mikhail Bakhtin (1895-1975) e Valentin Volóchinov (1895-1936), os quais construíram, em conjunto, um arsenal de textos conceituais e críticos em torno da linguagem enquanto fruto da dialogicidade presente nas situações e práticas sociais imbuídas na interação humana.

¹¹ Ideologia, sob o prisma do *Círculo de Bakhtin*, é um conjunto de valores sócio-histórico-culturais por meio do qual os sujeitos e as instituições presentes em uma sociedade regulam e orientam suas práticas. Segundo Faraco (2009), a ideologia está atrelada à capacidade axiológica dos sujeitos de produzirem sentido e valorar o mundo, por meio das práticas enunciativas circundantes na realidade concreta do mundo da vida.

palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos (Bakhtin, 2016, p. 54).

Na dinâmica dialogicamente disposta da vida, relacionamo-nos com as palavras e os ditos alheios, assimilando vozes e discursos dos outros de modo a constituir uma arena discursiva, cuja existência está condicionada ao uso dos *signos ideológicos* que, sob a ótica de Volóchinov (2017), penetram o enunciado e constituem a maneira com a qual o falante posiciona-se valorativamente sobre o mundo.

Dito isso, como já afirmamos, a linguagem tem, pois, sua origem no mundo da vida, orientando o processo enunciativo e as ações responsivas e responsáveis (Bakhtin, 2010) dos seres humanos perante a realidade. Tal realidade material, repleta de sentidos, “não apenas é refletida no signo, mas também é *refratada* nele” (Volóchinov, 2017, p. 112, grifo do autor). Baseando-se em Faraco (2013, p. 174),

a refração é, portanto, o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos sociais. Sendo essas experiências localizadas, múltiplas, e heterogêneas, os signos não podem ser unívocos (monossêmicos); só podem ser plurívocos (multissêmicos).

O fenômeno da refração está, então, situado no universo de possibilidades em torno das (re)interpretações dos sujeitos do discurso acerca dos signos agenciados no processo de comunicação verbal. Se é a partir do signo que o sujeito e o mundo se encontram, a vivência, que possui uma significação ideológica, pode ser compreendida e interpretada a partir do material sógnico, como a palavra axiologicamente atribuída, pois ele “*é o fenômeno ideológico par excellence*. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo” (Volóchinov, 2017, p. 98, grifo do autor).

Com essa visão a respeito da constituição sógnica, salientamos que, no uso axiológico da palavra, assim como dos *signos ideológicos* (Volóchinov, 2017), cruzam-se ênfases multidirecionadas e avaliações sociais distintas, diretamente relacionadas à maneira com a qual o ser social de linguagem enuncia o seu dizer na cadeia discursiva. À vista disso, “não existe enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia” (Volóchinov, 2017, p. 236). Dessa maneira, acessamos, no entremeio das marcas linguístico-discursivas do enunciado, o modo com o qual os enunciadoreis arquitetam a sua fala, direcionando-a a um interlocutor-ouvinte, orientada por uma *avaliação social* acerca do tema-conteúdo enunciativo.

Nesse ínterim, levando em conta a dinamicidade dos usos da linguagem, e tendo como ponto de partida a ideia de que os enunciados são *elos verbo-ideológicos* do processo comunicativo (Bakhtin, 2016), ratificamos que “a criação linguística – e, assim, discursiva – não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e os valores ideológicos que a constituem” (Volóchinov, 2017, p. 225). Diante de tal assertiva, Bakhtin (2011b) defende que a orientação dialógica da vida e dos discursos só pode ser atingida e interpretada a partir do *cotejamento* entre ditos e sentidos emergentes da comunicação verbal, uma vez que

o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientamos que esse contato é *um contato dialógico entre textos (enunciados)* e não *um contato mecânico de “oposição”*, só possível no âmbito de um texto entre os elementos abstratos e necessários apenas na primeira etapa da interpretação. Por trás desse contato, está o contato entre indivíduos e não entre coisas. Se transformarmos o diálogo em um texto contínuo, isto é, se

apagarmos as divisões das vozes o que é extremamente possível, o sentido profundo desaparecerá (bateremos contra o fundo, poremos um ponto morto) (Bakhtin, 2011b, p. 401, grifos nossos).

Esse contato dialógico, ideológico e responsivo é determinado com suporte no correlacionamento ativo entre enunciados, com o qual alçamos interpretações coerentes sobre o fenômeno em análise. Tais enunciados concretos são moldados pelos gêneros do discurso, que funcionam como formas estabilizadas de comunicação, refletindo padrões linguísticos, estruturas textuais e intenções comunicativas (Bakhtin, 2016).

Os gêneros do discurso, segundo a perspectiva do Círculo, não são apenas formas fixas de expressão, mas, sim, tipos de enunciados que constituem práticas sociais específicas. Cada gênero do discurso engendra tipos de enunciados relativamente estáveis, com conteúdo temático, construção composicional e estilo. Esses três elementos possuem uma íntima relação no conjunto do enunciado e são determinados pelas particularidades do campo da comunicação humana (Bakhtin, 2016). Assim, os gêneros do discurso atuam como molduras que influenciam a produção e a compreensão dos enunciados concretos, atuando, também, como instrumentos de ação social, influenciando e sendo influenciados pelas esferas em que são utilizados.

No âmbito do jornalismo impresso, os gêneros do discurso desempenham um papel fundamental na construção e transmissão de informações. A notícia, a reportagem, o editorial e a crônica, por exemplo, representam diferentes gêneros que carregam não apenas a linguagem jornalística, mas também as dinâmicas sociais e culturais em que estão inseridos, ou seja, são de natureza dialógica. É nessa perspectiva de dialogicidade que tocamos a discussão bakhtiniana a respeito do estilo dos gêneros do discurso. O estilo não se restringe apenas à estilística linguística, mas incorpora também as nuances ideológicas, avaliativas e valorativas presentes nos enunciados.

Dessa forma, o estilo presente nos gêneros do discurso jornalístico não apenas reflete as escolhas linguísticas do redator, mas também as posições ideológicas e as avaliações inerentes aos temas abordados. Basta visualizarmos páginas do jornal impresso para percebermos o estilo articulado não só pelas escolhas dos assuntos, mas também pelas escolhas verbo-visuais e pela relação que o jornal possui com o seu público-alvo. Logo, todo o projeto gráfico, todas as escolhas linguísticas realizadas estabelecem um discurso ideológico, uma avaliação sobre o fato relatado.

Ao considerar os gêneros do discurso e o estilo no contexto do jornalismo impresso, torna-se evidente a relevância da inter-relação entre linguagem, sociedade e cultura. Os gêneros jornalísticos não só são constituídos pelas dinâmicas comunicativas, mas também atuam como agentes ativos na construção de significados e na influência sobre a opinião pública. Nesse sentido, a compreensão bakhtiniana dos gêneros do discurso e do estilo como valoração/avaliação proporciona uma lente analítica valiosa para a compreensão da linguagem jornalística e sua relação com a esfera social.

Portanto, a partir da abordagem teórica proposta nesta seção, cujo propósito é dar fomento ao fato de que “a pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem” (Brait, 2006, p. 29), analisaremos uma cadeia discursiva constituída a partir de enunciados jornalísticos que tratam da presença de imigrantes haitianos em território brasileiro.

1.2 Situando nosso fazer científico: os procedimentos metodológicos

Conforme discutido anteriormente, assumimos, nesta investigação, a abordagem bakhtiniana de linguagem, que carrega o entendimento de enunciado como único, irrepetível e situado. Por isso, na análise dialógica, não há categorias pré-definidas que serão aplicadas de forma mecânica a textos: cada situação de uso da língua pertence à ordem do não repetível. Assumimos,

também, a abordagem de pesquisa qualitativo-interpretativa, visto que esta compreende a realidade social como intrinsecamente complexa, composta por sujeitos com experiências, perspectivas e contextos diversos.

Esse paradigma de pesquisa, de acordo com Minayo (2002, p. 23), tem como tarefa principal “a compreensão da realidade humana vivida socialmente” e permite uma exploração aprofundada dessa complexidade, capturando a riqueza dos dados, narrativas e significados que não podem ser facilmente reduzidos a números ou categorias fixas.

Assim, situados no campo de estudos da Linguística Aplicada, área de investigação *mestiça*, *indisciplinar* e *transdisciplinar* (Moita Lopes, 2009) devido à sua natureza multifacetada e à sua relação com várias outras áreas do conhecimento, refletindo numa complexidade e diversidade de abordagens utilizadas para entender e resolver questões relacionadas à linguagem em inúmeros contextos do mundo social, realizaremos uma análise dialógica de uma cadeia enunciativa estabelecida a partir de textos da esfera jornalística que tratam da presença de imigrantes haitianos no território brasileiro.

Para isso, a fim de construirmos nossos dados de análise, utilizamos o *Paradigma Indiciário* (PI), conforme proposto por Ginzburg (1989), que nos leva a procurar por pistas, ou indícios, na materialidade linguística, além de trazer “à tona detalhes considerados negligenciáveis e insignificantes para a ciência moderna baseada em regularidades, operando um deslocamento em relação às grandes narrativas universalizantes, sem deixar de dialogar com o contexto” (Carlos; Silva; Silva; Medeiros Neta, 2023, p. 5).

A atenção aos detalhes e às pistas é imprescindível, visto que as escolhas linguísticas, na produção discursiva, revelam sentidos e valores imbricados nos enunciados, sendo impossível ter acesso ao desconsiderar a conjuntura cultural, histórica e social que os engendrou. Por meio das pistas, dos rastros linguísticos, dos indícios materiais, podemos seguir um percurso investigativo que nos remonte à cadeia de comunicação discursiva que esse enunciado compõe. Essa escolha metodológica se justifica pelo seu potencial analítico para revelar os elementos linguístico-discursivos que demarcam uma cadeia enunciativa a respeito da presença de imigrantes haitianos no Brasil.

Essas marcas, por sua vez, serão evidenciadas por meio de relações dialógicas, que permite uma correlação possível de externar o dito e o não dito do enunciado dialógico. Tendo em vista que assumimos a perspectiva dialógica da linguagem, consideramos que todo signo nos leva para fora dos limites do texto, pois a compreensão é o diálogo de um texto com os outros textos (Bakhtin, 2011b). Temos, então, que compreender é dialogar com outros textos e pensar em um contexto novo, o que lança a proposta de um percurso metodológico cujo entendimento do pesquisador se dá na relação (Giovani, 2017). O *correlacionamento* demarca, pois, uma posição metodológica, já que, de acordo com Geraldi (2010, p. 29), a compreensão dos enunciados será maior a partir do movimento do pesquisador de suscitar “mais vozes do que aquelas que são evidentes na superfície discursiva”, com o intuito de fazer emergir o diálogo entre diferentes vozes.

Por conseguinte, para a delimitação de nosso *corpus* de análise, consideramos, a princípio, o contexto histórico e social que permeia a presença do imigrante haitiano no Brasil. A partir de 2013, o Sudeste passou a ser responsável pela entrada de 50% dos haitianos no país, destacando-se o Estado de São Paulo, com mais de 30% dessa população. Em 2015, os imigrantes passaram a viajar diretamente para o Estado, não realizando mais o percurso comum pelo Acre (Miranda, 2018). Nessa conjuntura, há um grande número de imigrantes haitianos no Estado de São Paulo, a partir do ano de 2015, o que nos levou a realizar uma busca no acervo da página digital do jornal *Folha de São Paulo*, veículo de grande visibilidade e circulação no referido Estado e no Brasil, concebido como um dos mais importantes do país.

Direcionamo-nos, então, às edições impressas disponibilizadas em formato digital, utilizando como palavra-chave o termo “Haiti”, delimitando o período de 01/01/2015 a 31/12/2015 e focalizando as matérias que tratavam da recepção/vivências desses sujeitos no Brasil.

Dentre os textos encontrados¹², analisaremos, neste trabalho, a cadeia discursiva responsiva ao enunciado veiculado à capa da edição de 20 de maio de 2015¹³, uma vez que ganhou notoriedade, devido a sua recorrência nas edições do ano de 2015.

Assim, além do enunciado veiculado a essa capa, o *corpus* desta pesquisa se constitui de um artigo de opinião da edição de 22 de maio de 2015, de um artigo de opinião da edição de 24 de janeiro de 2015 e de um comentário do leitor da edição de 22 de maio de 2015. Dessa forma, consoante à perspectiva teórico-metodológica que assumimos, as categorias de análise surgem em razão do contato com os dados selecionados, fazendo com que tenhamos, então, dois direcionamentos analíticos, denominados de *Brasil e Haiti: uma aproximação entre os países* e de *O lugar do haitiano é no Haiti: resposta dos leitores*.

2 O Haiti é aqui: uma arena discursiva

No ano de 2010, tem-se os primeiros registros de um novo período migratório de haitianos para o Brasil, que se estabelece em 2011, aumentando significativamente desde então. Chegando pela fronteira norte do país, nesse primeiro momento, há uma boa acolhida por parte das instituições religiosas católicas, que influenciou a efetivação da imigração (Costa, 2015). Em 2015, a entrada pelo Estado do Acre caiu quase por completo, em razão dos haitianos, agora, passarem a viajar diretamente para Estados como São Paulo e Rio de Janeiro, regiões comumente visualizadas como de grandes oportunidades de trabalho, havendo um destaque para São Paulo, que recebeu a maior parte desses sujeitos (Miranda, 2018).

Nessa conjuntura, a edição de 20 de maio de 2015 da *Folha de S.Paulo* dá ênfase ao fenômeno, quando escolhe trazer, já na capa do jornal, um enunciado, construído verbo-visualmente, a respeito da presença desse imigrante no Brasil, especificamente no Estado de São Paulo. Esse enunciado compreende o gênero chamada de capa, que atua como um indicador de localização e persuasão, visto que direciona o leitor até à página em que a matéria está veiculada e o convence a ler, dando-lhe o valor de destaque na edição, já que nem todas as matérias do jornal recebem uma chamada de capa.

No enunciado, vemos um homem negro tomando banho com o auxílio de uma latinha, num mictório, o que é retomado pela legenda da imagem: “Banho de lata”. A legenda, ainda, afirma que o homem se trata de um haitiano e que a igreja no Glicério, onde se encontra o mictório, abriga refugiados, com infraestrutura adequada, mas está lotada (figura 1).

¹² Este artigo surge de um recorte da dissertação de mestrado de um dos autores, que contempla a presente temática, e de discussões estabelecidas em conjunto durante reuniões no âmbito de grupos de pesquisa.

¹³ Link de acesso à edição de 20 de maio de 2015:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=20230&anchor=5990666&origem=busca&originURL=&maxTouch=0>

Figura 1 – Enunciado veiculado à capa da edição de 20 de maio de 2015



Fonte: Banho de lata, *Folha de S. Paulo*, publicada no dia 20 de maio de 2015 na capa da edição, p. A1.

O enunciado-imagem que preenche a capa dessa edição gerou outros enunciados, de caráter responsivo, configurando uma cadeia discursiva, isto é, constituindo *elos verbo-ideológicos* no processo comunicativo (Bakhtin, 2016). Recuperar essa cadeia enunciativa possibilita, pois, uma compreensão dos posicionamentos e valores dos autores desses enunciados, que, claro, em razão de sua inserção na esfera jornalística, também estão vinculados ao jornal *Folha de S. Paulo*, revelando seus posicionamentos avaliativos associados à presença de imigrantes haitianos no Brasil. A fim de efetivar, portanto, o objetivo desta investigação, realizaremos a análise de nossos dados, a partir das categorias explicitadas na seção anterior, iniciando, a seguir, com aqueles enunciados que compreendem uma aproximação existente entre os países Brasil e Haiti.

2.1 Brasil e Haiti: uma aproximação entre os países

O artigo de opinião publicado na edição de 22 de maio de 2015, intitulado de “O Haiti é aqui”¹⁴ (figura 2), de autoria de Marta Suplicy (então Senadora da República pelo Estado de São Paulo), já colunista do jornal à época, aparece como uma resposta ao enunciado mencionado anteriormente. O texto, logo de início, já faz menção à imagem da capa da edição do dia 20, afirmando que “é um choque por sua insustentável e desumana condição”. Logo em seguida, acrescenta que é um choque, também, porque escancara “sem retoques a já tão sabida ineficiência e dificuldades do atual governo no trato da política externa”. Esse parágrafo introdutório marca, então, o posicionamento axiológico (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2017) da autora, que virá a discorrer sobre a migração dos haitianos para o Brasil como um problema e um transtorno, que são responsabilidades da União.

¹⁴ Link de acesso ao artigo “O Haiti é aqui”: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=20232&anchor=5990764&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=078cc9c213f4fe6abc10ac82114ba9ad>

Figura 2 – Artigo de opinião “O Haiti é aqui” na edição de 22 de maio de 2015



Fonte: O Haiti é aqui, *Folha de S. Paulo*, publicado no dia 22 de maio de 2015 no caderno “Opinião”, p. A2.

As escolhas linguísticas expõem, pois, este ponto de vista. Em “É preciso bem mais para enfrentar o *problema*” e “Esta *trágica* situação *ultrapassa a responsabilidade dos entes federativos* que não merecem nem têm condições de enfrentar sozinhos o *problema*” (Suplicy, 2015, *online*, grifo nosso), temos exemplos dessa percepção. Nesse contexto, vemos o entendimento de uma ineficácia do governo para lidar com a questão, como em “a União não pode diante da sua *incapacidade de assumir posições*, repassar a Estados e municípios suas obrigações” (Suplicy, 2015, *online*, grifo nosso), já que há uma grande quantidade de haitianos em alguns Estados e em “desumana condição”: “o Estado do Acre *não tem como suportar nem São Paulo*, a cidade mais rica do país, e *nenhum ente federativo isoladamente*”; “Só com alimentação, já foram gastos mais de R\$ 20 milhões e *muito mais se gastará*, sem solucionar suas *desgraças*” (Suplicy, 2015, *online*, grifo nosso).

Desse modo, as palavras agenciadas compõem uma *avaliação* (Volóchinov, 2017) negativa a respeito da presença desses imigrantes, uma vez que é caracterizada como “problema” e como “trágica situação”, que nenhum Estado brasileiro pode suportar, e como sujeitos em “desumana condição”. No entanto, em paralelo a isso, a autora tece, com grande enfoque, uma crítica à postura da União, em relação a esse “problema”, ao considerar que o atual governo em questão é quem deve lidar com a situação, afirmando que ele é incapaz de assumir posições e ineficiente para lidar com a política externa. Ao declarar que “é preciso bem mais para enfrentar o problema” e que “esta trágica situação ultrapassa a responsabilidade dos entes federativos que não merecem nem têm condições de enfrentar sozinhos o problema”, a enunciadora desvela uma voz crítica que, de maneira sutil, sugere que a presença dos haitianos representa um problema a ser enfrentado e uma sobrecarga ao Estado.

Além dessas escolhas linguísticas, a escolha do título “O Haiti é aqui” também é um elemento valorativo. O título, como parte composicional do gênero artigo de opinião, cumpre a função de chamar a atenção do leitor e o persuadir a realizar a leitura, além de marcar o posicionamento defendido no texto. Para isso, o título retoma o enunciado “Haiti”, canção de

Caetano Veloso e Gilberto Gil¹⁵, cujo refrão é composto pela frase “o Haiti é aqui”. De acordo com Silva (2017, p. 16), a música trata da ligação existente entre o Brasil e o Haiti, países que “sofreram e ainda sofrem com o bárbaro processo da violência simbólica, da luta de classes, das relações de poder, da negação da cor e identidade étnica”. Assim, a canção realiza uma denúncia contra a violência, a desigualdade social e o racismo que há em Salvador:

Quando você for convidado pra subir no adro / Da fundação casa de
Jorge Amado / Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos / Dando
porrada na nuca de malandros pretos / De ladrões mulatos e outros quase
brancos / Tratados como pretos / Só pra mostrar aos outros quase pretos
/ (E são quase todos pretos) / E aos quase brancos pobres como pretos /
Como é que pretos, pobres e mulatos / E quase brancos quase pretos de tão
pobres são tratados / E não importa se os olhos do mundo inteiro / Possam
estar por um momento voltados para o largo / Onde os escravos eram
castigados. (Haiti, 1993).

Na canção, percebemos um universo simbólico semelhante entre o Brasil e o Haiti, no que diz respeito à relação sociocultural, racial e histórica, em que o “eu poético — por meio de sua realidade estética — denuncia a fragilidade, a degradação humana, a perversa e histórica exploração dos negros na América e no Caribe” (Silva, 2017, p. 16). Nesse ínterim, é possível inferir que a escolha de Marta Suplicy para o título de seu artigo — como um elemento estilístico-composicional —, ao fazer menção direta à canção, juntamente com seu posicionamento na discussão realizada ao decorrer do texto, demonstra um movimento valorativo (Volóchinov, 2017) de aproximação entre Brasil e Haiti como países que enfrentam dificuldades e problemas semelhantes, como, por exemplo, o fato de não haver soluções sendo colocadas em prática pelo governo para retirar os haitianos das situações de fragilidades e de “condições desumanas”; logo, “o Haiti é aqui”.

Tal avaliação, que compreende uma aproximação entre os dois países, também foi encontrada em outro enunciado, na edição de 24 de janeiro de 2015, antecedendo o enunciado de 20 de maio, no artigo de opinião da jornalista e roteirista Mariliz Pereira Jorge, intitulado de “O Havaí não é aqui”¹⁶ (figura 3). O título também faz menção à canção “Haiti”, no entanto, subverte-a ao trocar “Haiti” por “Havaí” e por inserir a palavra “não”, o que se justifica ao analisar o posicionamento e a discussão realizados durante o texto.

¹⁵ Canção do disco *Tropicália 2* (1993), composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil, em comemoração aos 26 anos do Tropicalismo. Link de acesso à música: <https://www.youtube.com/watch?v=PSHf2AzheIk>.

¹⁶ Link de acesso ao artigo “O Havaí não é aqui”: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=20114&anchor=5978242&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=8056b244607a550de84a04c76fdda9dc>

Figura 3 – Artigo de opinião “O Havaí não é aqui” na edição de 24 de janeiro de 2015



Fonte: O Havaí não é aqui, *Folha de S. Paulo*, publicado no dia 24 de janeiro de 2015 no caderno “Esporte”, p. D3.

Enquadrado em um novo fundo axiológico, inserido numa seção do jornal que trata de temáticas relacionadas ao esporte, o artigo argumenta em função do Brasil ser um país que não valoriza o surfe, ao afirmar que “permanecemos tão abandonados e alienados”, e não valoriza o esporte em geral, pois o esporte “ainda é uma escolha de vida apenas de gente teimosa”.

Nesse sentido, o título “O Havaí não é aqui” se deve ao fato, então, de o Havaí ser um país referência no surfe. Assim, ao defender o ponto de vista de uma desvalorização existente no Brasil — “Assusta mesmo pensar que sobrou pouca coisa da pirralha oxigenada que curtia surfe em meados dos anos 80, mas que *o esporte continua morrendo na praia*” (Jorge, 2015, *online*, grifo nosso) —, a autora conclui que “estamos mais pra Haiti *do que* para Havaí”, utilizando-se do conectivo “do que” para realizar uma comparação e, por consequência, uma aproximação entre o Brasil e o Haiti, retomando a percepção de ambos como países de dificuldades e fragilidades.

Chama a atenção, também, a escolha valorativa da autora em optar por fazer tal comparação, visto que, em seu artigo de opinião, ela não aborda problemáticas haitianas em nenhum momento. Dessa forma, é possível perceber que tal opção discursiva refrata o posicionamento axiológico da autora ao relacionar o Haiti com um campo de sentidos negativo e, a partir disso, compará-lo com o Brasil.

A seguir, analisaremos um enunciado que se configura como resposta de leitor, o qual compõe mais um elo na cadeia comunicativa em estudo nesta pesquisa.

2.2 O lugar do haitiano é no Haiti: resposta dos leitores

No âmbito jornalístico, é comum que os leitores tenham comentários e se posicionem a respeito das matérias publicadas nas edições. Na edição dos jornais impressos, estes textos são inseridos em uma seção específica. Assim, na edição de 24 de maio de 2015, o artigo de Marta Suplicy, “O Haiti é aqui”, suscitou a resposta de um leitor veiculada na seção “Painel do leitor”.

Com o título “Haiti”¹⁷ (figura 4), o enunciado inicia parabenizando Marta Suplicy por seu artigo: “Quero *parabenizar* Marta Suplicy pelo artigo ‘O Haiti é aqui’ (‘Opinião’, 22/5)” (Alves, 2015, *online*, grifo nosso). Em seguida, temos a justificativa de seu elogio: “É um *absurdo* o Brasil ficar *incentivando* a vinda de gente *despreparada* e *desqualificada* ao país. E o pior, *doando a nacionalidade brasileira* de forma *gratuita*” (Alves, 2015, *online*, grifo nosso).

Figura 4 – Resposta do leitor

Haiti

Quero parabenizar Marta Suplicy pelo artigo “O Haiti é aqui” (“Opinião”, 22/5). É um absurdo o Brasil ficar incentivando a vinda de gente despreparada e desqualificada ao país. E o pior, doando a nacionalidade brasileira de forma gratuita. A Itália recebeu, em três anos, mais de 550 mil africanos. Como sustentar e arranjar emprego para toda essa gente? Um problema social gravíssimo que nação alguma tem condição de suportar. O Brasil, país com profunda mazela e desigualdade social e em profunda crise econômica, não pode ficar de braços cruzados.

Fonte: Haiti, *Folha de S. Paulo*, publicado no dia 24 de maio de 2015 no caderno “Opinião”, p. A3.

Ao iniciar o enunciado com um ato de parabenização à Marta Suplicy pelo artigo, este elogio já estabelece um tom de concordância ou identificação com a visão da autora. Diante disso, se a palavra é um fenômeno ideológico (Volóchinov, 2017), ao dizer que é um “absurdo” o fato de o Brasil “incentivar” a vinda de haitianos, caracterizando-os como “despreparados” e “desqualificados”, os signos agenciados pelo enunciador do texto refratam uma posição de rejeição à presença desses sujeitos no país, os quais são permeados por uma visão do haitiano como indesejável e como mercadoria, concebendo-o como não útil ao âmbito do mercado e do negócio. Essa percepção é carregada de valores ideológicos que desumanizam sujeitos racializados no Brasil, negando-lhes uma posição legítima no diálogo social.

No século XIX, uma política de incentivo a imigrantes europeus foi estruturada, pois eram vistos como uma solução aos problemas brasileiros de ordem social e econômica, simbolizando modernização para o atraso causado pelo sistema colonial (Seyferth, 2000). O trabalhador negro e

¹⁷ Link de acesso ao comentário “Haiti”: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=20234&anchor=5991160&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=7304007cb0b677bf8af5e5850ec02149>

livre, no entanto, que estava disponível para o mercado de trabalho no Brasil, ocupou espaços que se construíram e se naturalizaram, ao longo do tempo, a partir de mitos e de trabalhos científicos que defendiam a subalternidade e a desqualificação dessa população (Yoshioka; Claret, 2015). Assim, o adjetivo "desqualificada", utilizado com base no senso comum de que o imigrante haitiano não possui formações e competências adequadas para compor o mercado de trabalho brasileiro, está saturado de significados históricos que foram construídos para justificar hierarquias raciais e sociais. Trata-se de um signo que, sob a aparência de objetividade, reforça estereótipos e relações de poder que estruturam o racismo.

Além disso, ao dizer que há uma “doação da nacionalidade brasileira”, temos uma percepção de que o haitiano goza dos direitos de ser brasileiro, no entanto, não teve acesso a esta nacionalidade por merecimento, uma vez que a ganhou “de forma gratuita”, fruto de um “incentivo” por parte do governo brasileiro, marcando um posicionamento quanto ao imigrante como um sujeito ilegal. A nacionalidade, nesse contexto, é tratada como um privilégio restrito, acessível apenas a determinados grupos. Esse discurso ecoa enunciados históricos que posicionaram os corpos negros e racializados como externos ao pertencimento nacional, como uma ameaça ou um fardo indesejável. Essa perspectiva dialoga com ideologias coloniais, que, ao mesmo tempo em que exploravam esses corpos, os relegaram a posições subalternas e marginalizadas.

Ao comparar o Brasil com a Itália, em “A Itália recebeu, em três anos, mais de 550 mil africanos” (Alves, 2015, *online*), o enunciador insere o Brasil em uma narrativa global de exclusão, transferindo para o contexto brasileiro uma lógica europeia de rejeição ao outro, pois, em seguida, afirma que é “Um *problema social gravíssimo* que *nação alguma* pode suportar” (Alves, 2015, *online*, grifo nosso). A comparação realizada entre a imigração que ocorre no Brasil e na Itália, a qual “nação alguma pode suportar”, diz respeito à imigração da população negra, já que só se faz menção aos “550 mil africanos”, e não a outras comunidades de imigrantes. Tal discurso, que carrega a perspectiva da imigração negra como um “problema social”, ignora o papel histórico do colonialismo europeu no empobrecimento de populações africanas e a responsabilidade histórica dos países colonizadores. No Brasil, nação marcada pela herança escravocrata, esse posicionamento axiológico é incorporado sem crítica, reproduzindo desigualdades e silenciando as contribuições históricas de populações negras e migrantes.

Por fim, há o entendimento da presença do haitiano como um problema, como uma sobrecarga ao Estado, uma vez que o Brasil é visto como um país de dificuldades: “o Brasil, país com *profunda mazela* e *desigualdade social* e em *profunda crise econômica*, não pode ficar de braços cruzados” (Alves, 2015, *online*, grifo nosso). Esse tipo de discurso desloca o foco da responsabilidade histórica para um grupo marginalizado, apresentando-o como um “agravante” das crises internas, negligenciando as dinâmicas históricas de exploração, racismo e desigualdade social de um sistema colonial.

Logo, o enunciado compreendido como resposta de um leitor, da edição de 24 de maio de 2015, possui uma valoração composta pela avaliação negativa à presença da imigração haitiana no Brasil, estabelecida a partir dos valores ideológicos que constituem sua criação linguístico-enunciativa (Volóchinov, 2017). Além disso, estabelece um diálogo com o enunciado da edição de 22 de maio de 2015, artigo de opinião de Marta Suplicy, e entra na cadeia discursiva aberta pelo enunciado da capa da edição de 20 de maio de 2015, respondendo-o, assim como os outros enunciados aqui analisados.

Ressaltamos que os enunciados explorados neste trabalho são construídos por uma coletividade de profissionais, embora sejam assinados por autores específicos. Para a elaboração do jornal, vários profissionais, como fotógrafos, repórteres, colunistas, redatores, chefes de reportagem, editores, editor-chefe, diretor da redação, etc, assumem funções dentro de uma hierarquia (Nogueira, 2002). Esses profissionais, organizados em empresas, são autorizados a enunciar dentro do âmbito jornalístico, buscando uma objetivação. Nesse contexto,

o real é concebido como fato observável, experimentado objetivamente. Enquanto descrevem os fatos, mantêm uma relação com a realidade objetiva e pretendem uma isenção de subjetividade, o que, por sinal, já constitui um elemento de subjetivação, e assim como nas ciências humanas, essa descrição constitui um ato eticamente posicionado (Magalhães, 2010, p. 65).

Assim, a intenção de uma prática jornalística objetiva não isenta a subjetividade dos profissionais que constroem o jornal. Isso implica, pois, questões éticas, em que esses sujeitos possuem responsabilidade quanto aos enunciados produzidos (Magalhães, 2010). Os enunciadores das matérias jornalísticas, ou seja, todas as pessoas concretas que trabalham na construção desses textos, constituem a editoria do veículo de comunicação. No *Jornal Folha de S. Paulo*, como vimos nesta análise, os enunciadores constroem representações discursivas sobre os imigrantes haitianos como um problema, um transtorno, uma sobrecarga ao Estado, além de serem avaliados como sujeitos indesejáveis e como mercadoria, mobilizando-se, sempre, um campo de sentido negativo quanto à presença de haitianos no Brasil.

Em consonância com os resultados de nossa análise, a pesquisa de Sacramento e Machado (2015) salienta a posição segregatória do *Folha de S. Paulo* ao considerar que o veículo de comunicação, no contexto do surto epidêmico do vírus ébola no continente africano no ano de 2014, trata os imigrantes advindos da África, para além de potenciais vetores de transmissão viral no Brasil, como um “fator de risco” (Sacramento; Machado, 2015, p. 2) e ainda como um outro marginalizado e marcado como ameaça, isto é, um perigo à população brasileira. Para reiterar isso, os pesquisadores analisam, por exemplo, a oposição verbo-ideológica existente entre os pronomes pessoais “nós”, para se referir aos brasileiros, e “eles” para salientar a diferença e, claro, para marcar ainda mais a inclinação axiológica da mídia jornalística em questão ao promover uma lógica do medo e do receio contra a imigração africana no país.

Tal constatação, para a pesquisa em tela, corrobora o papel do *Folha de S. Paulo* em propagar uma estereotipação do imigrante negro por intermédio de uma construção discursiva que evoca a periculosidade e a rejeição desse povo em terras brasileiras, estimulando, no leitor, um olhar racista e cerceador sobre eles.

O enunciado-imagem da capa da edição de 20 de maio de 2015, nosso ponto de partida para desvelar a cadeia enunciativa que exploramos nesta pesquisa, já evidenciava os posicionamentos avaliativos do *Folha de S. Paulo* sobre a presença de imigrantes haitianos no Brasil: ao ter como propósito noticiar a presença dessa população, escolheu-se inserir, na capa da edição, numa posição de destaque, a foto de um haitiano, sem roupa, lavando-se. Temos, portanto, a exposição de um sujeito negro, em situação de vulnerabilidade. Há uma espetacularização da informação, com o objetivo de atrair a atenção do leitor, isto é, a sociedade brasileira. A fotografia, por ser um enunciado (Brait, 2017), possui índices axiológicos e ideológicos sob responsabilidade não só do autor/fotógrafo, mas da própria instituição jornalística à qual a foto está vinculada (Pereira, 2008). Tal enunciado-imagem refrata a banalização e desumanização do corpo negro em sofrimento, evidenciando uma abordagem ideológica racista do veículo de comunicação.

Considerações finais

A análise dos enunciados, à luz da abordagem dialógica da linguagem do *Círculo de Bakhtin* (Bakhtin, 2010, 2011a, 2011b, 2016; Volóchinov, 2017), permitiu uma reflexão mais aprofundada e crítica sobre a presença dos imigrantes haitianos no território brasileiro. O enunciado da capa da edição de 20 de maio de 2015 obteve enunciados-respostas que o refratam, cujos posicionamentos valorativos destacaram, de maneira incisiva, a influência do contexto social na construção do significado linguístico, assim como a multiplicidade de sentidos que os permeiam, engendrando valores negativos à presença de imigrantes haitianos no Brasil, sujeitos que são tidos como

mercadorias, indesejáveis, sobrecarga ao Estado e problema.

Dessa forma, este estudo evidenciou a imperativa necessidade da responsabilidade da mídia em moldar a percepção coletiva em relação aos imigrantes haitianos e outras comunidades imigrantes no Brasil, que, frequentemente, sofrem marginalização e estigmatização. Adicionalmente, a perspectiva utilizada na análise do *corpus* demonstrou-se relevante na medida em que possibilitou uma compreensão mais profunda da interação entre diferentes vozes sociais nos textos jornalísticos e, por sua vez, forneceu subsídios para uma reflexão mais ampla sobre o papel da mídia na construção de discursos e na formação das opiniões públicas.

Destaca-se, portanto, que a dialogicidade da materialidade linguístico-discursiva aqui abordada pode representar um instrumento valioso para fomentar uma discussão mais precisa e consciente acerca dos sentidos e valores implicados na integração e nos direitos dos imigrantes haitianos e, por extensão, de outras comunidades imigrantes no Brasil. Além disso, essa perspectiva crítica pode contribuir de forma substancial para a formulação de políticas públicas mais justas e inclusivas que considerem as particularidades e necessidades desses grupos, promovendo, assim, uma sociedade mais igualitária e solidária.

Referências

ALVES, Paulo Roberto da Silva. *Haiti*. Folha de S.Paulo. São Paulo, 2015. (Seção Painel do Leitor). Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20234&keyword=Haiti&anchor=5991160&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=7304007cb0b677bf8af5e5850ec02149>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miottelo e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF, 2011a. p. 21-90.

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF, 2011b. p. 393-410.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. As questões da estilística no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 19-22.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Contexto, 2017.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. *Governo brasileiro garante direitos para imigrantes haitianos*. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Brasília, 11 nov. 2015. Disponível em: <https://abrir.link/ehl1e>. Acesso em: 24 out. 2023.

CARLOS, Nara Lidiana Silva Dias; SILVA, Joelma Tito da.; SILVA, Lenina Lopes Soares; Medeiros; NETA, Olívia Moraes de Medeiros. Reflexões acerca de método indiciário e seu uso em programas de pós-graduação em história e educação no Brasil. *Práxis Educacional*, Vitória da

Conquista, v. 19, n. 50, p. e12937, 2023. DOI: [10.22481/praxisedu.v19i50.12937](https://doi.org/10.22481/praxisedu.v19i50.12937). Acesso em: 18 fev. 2024.

COGO, Denise; SILVA, Terezinha. Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 23, n. 1, 2016. DOI: [10.15448/1980-3729.2016.1.21885](https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.1.21885). Disponível em: Acesso em: 18 fev. 2024.

COSTA, Gelmiro. Haitianos no Brasil. In: Cutti, Dirceu; Baptista, Dulce Maria Tourinho; Pereira, José Carlos; Bógus, Lúcia Maria Machado (Orgs.). *Migração, trabalho e cidadania*. São Paulo: EDUC, 2015

COSTA, Gelmiro. Memória da chegada de imigrantes haitianos a Manaus, 2010 – 2014: presença da Pastoral do Migrante. *Cadernos de Migração*, São Paulo, n. 8, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo* – as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 167-182.

FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa Virgínia de. A diáspora haitiana no Brasil: processo de entrada, características e perfil. In: Baeninger, Rosana *et al.* (Orgs.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 95-111.

FULGÊNCIO, Caio. *Nº de haitianos que entram no Brasil pelo Acre cai 96% em 12 meses*. Portal G1, 8 jan. 2016. Disponível em: <https://abrir.link/qpeBd>. Acesso em: 18 dez. 2022.

GERALDI, João Wanderley. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Paulo: Pedro e João Editores, 2010.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIOVANI, Fabiana. O cotejo como marca de um estilo. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe-UFSCar. *Palavras e contrapalavras: entendendo o cotejo como proposta metodológica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

HAITI. Intérpretes: Caetano Veloso e Gilberto Gil. Compositores: C. Veloso e G. Gil. In: TROPICALIA 2. Intérpretes: Caetano Veloso e Gilberto Gil. [S. l]: Universal Music Ltda, 1993. 1 CD, faixa 1.

JORGE, Mariliz Pereira. *O Havaí não é aqui*. Folha de S.Paulo. São Paulo, 24 jan. 2015. Disponível em: <https://abrir.link/cCdTn>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Trad. Ivone Castillo Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. *Subjetivação, jornalismo e ética: uma abordagem dialógica*. 2010. 292 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-30.

MIRANDA, Suélen Cristina de. A História em espiral: compreendendo a receptividade brasileira à imigração haitiana a partir de suas determinações. *Revista Aedos*, [S. l.] v. 10, n. 22, p. 29-52, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/82960>. Acesso em: 18 fev. 2024

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. *Gragoatá*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 33-50, 2009.

NOGUEIRA, Silvia Garcia. O meio jornalístico e a reunião de pauta: quando a parte expressa o todo. *ALCEU*, v. 3, n. 5, p. 62-73, 2002. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=62&sid=15>. Acesso em: 22 out. 2023.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Bakhtin e a cultura contemporânea: sinalizações para a pesquisa em linguística aplicada. *Revista da Anpoll*, [S. l.], v. 1, n. 13, 2002. DOI: 10.18309/anp.v1i13.531. Acesso em: 18 fev. 2024.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. O círculo de Bakhtin e sua contribuição ao estudo das práticas discursivas. *Eutonoma: Revista on-line de literatura e linguística*, Recife, v. 2, p.1-18, dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1791/1362>. Acesso em 18 fev. 2024.

PEREIRA, Rodrigo Acosta. *O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valorização*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91239>. Acesso em: 02 jun. 2023.

SACRAMENTO, Igor; MACHADO, Izamara Bastos. A imigração como risco para a saúde: uma análise das representações do imigrante africano na cobertura da Folha de S. Paulo sobre o ébola. *Comunicação e Sociedade*, v. 28, p. 25-47, 2015.

SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional. *Horizontes Antropológicos*, v. 6, n. 14, p. 143-176, nov. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/gK3bVRDv5Zn85XKdC7Yw7Lh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 dez. 2024.

SILVA, Marcelo Abreu da. O Haiti é aqui: reflexões identitárias na letra da canção de Caetano Veloso. *Litterata*, [S. l.] v. 7/1, p. 8-20, 2017. DOI: <https://doi.org/10.36113/litterata.v7i1.1477>. Acesso em 18 fev. 2024.

STAM, Robert. Bakhtin e a crítica midiática. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (Org.). *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 331-387.

SUPLICY, Marta. *O Haiti é aqui*. Folha de S.Paulo. São Paulo, 22 maio 2015. Disponível em:

<https://abrir.link/r9zAN>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A palavra e sua função social. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a. p. 266-305.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b. p. 306-338.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

YOSHIOKA, Ana Paula; CLARET, Eduardo Faria. O negro no mundo do trabalho: descontentamentos e luta. *Revista Sem Aspas*, Araraquara, v. 3, n. 1, p. 118–127, 2015. DOI: 10.29373/sas.v3i1.7737. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/7737>. Acesso em: 9 jan. 2025.

Submetido em 22/05/2024

Aceito em 21/01/2025